

Entre a boemia e a significação política (Florianópolis – 1975/1985)

Regina Bittencourt Souto¹ - PPG-UDESC

Uma cidade não seria uma cidade sem os movimentos dos personagens que lhe dão vida. São homens e mulheres que desafiam a interpretação de como viviam e pensavam, longe de dar um tom único para tantas experiências transitórias. Por isso, esse texto pretende mostrar como alguns personagens sociais criavam e reinventavam formas de atuação nos diferentes movimentos de contestação à ditadura militar (1964-1985), em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Se foram tensos aqueles anos, muitas foram às táticas para que os *homens ordinários*, expressão emprestada de Michel de Certeau, transgredissem a ordem socialmente imposta.²

Então, em Florianópolis, na noite do último dia de maio de 1977, três amigos ao caminharem pela rua Trajano, no centro urbano da cidade, entram no Roda Bar e sentam em uma de suas mesas. Conversam e, entre um gole de cerveja e uma tragada no cigarro, resolvem montar um pequeno texto para uma apresentação teatral. Decidem que o tema do esquete (pequena cena de teatro) terá como foco as discussões da reunião de que tinham acabado de participar na Sede do Diretório Central dos Estudantes-DCE, localizada na rua Álvaro de Carvalho.

Acontece que esses três rapazes partilham ideais que são contrários ao regime militar instalado no país desde 1964 e, por conta disso, participam de atividades de resistência à ditadura que viera com esse sistema político. Além disso, também tem igualmente em comum uma veia cômica como forma de representação dos acontecimentos da vida cotidiana.

Naquela noite, no bar, foi criado o ANARQUITALINO (ANARF). Um grupo de teatro que tinha como objetivo fazer uma crítica, através do humor e da sátira, à repressão que o governo militar praticava na capital catarinense. Para isso, *montamos o roteiro escrito em guardanapos e*

distribuimos os papéis ali mesmo, lembra Fernando.³ A breve vida do ANARF ficou inscrita apenas nos pedaços de guardanapos, que, não raros, eram guardados nos bolsos e que se perdiam nas noites de boemia, por isso não há registros dos seus escritos ou imagens das performances de seus autores.

As apresentações que o grupo de teatro planejava faziam parte das atividades que o Núcleo do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) organizava na cidade. E foi na reunião que tinham participado no DCE, na qual estavam presentes também representantes do MFPA, do Jornal Alternativo CONTESTADO, da Cooperativa de Artistas e Escritores, da sucursal do jornal Em Tempo e do Diretório Central dos Estudantes, que os trabalhos começaram a ser pensados.⁴

O fato é que, no Brasil da ditadura militar, os anos que seguem após a decretação do AI-5 até o início da abertura política (1969/1974) é considerado o período mais dilacerante da repressão militar. Esses são os anos das perseguições e prisões aos militantes políticos ligados a partidos e organizações de esquerda. É o tempo dos desaparecimentos, das torturas e das supostas mortes ‘acidentais’ em tentativas de fuga ou por suicídio, pelo menos assim justificadas pelo discurso militar. Esse, também, é o tempo da censura à imprensa e às produções culturais.

Essas ações, por certo, formavam imaginários que interferiam na vida cotidiana de um grupo de pessoas, definindo comportamentos, no qual, os sentimentos de medo e de incerteza se fizeram presente, pois como disse Zerbini em entrevista ao jornal Pasquim: *Vivemos nos país do medo*. E essa é a maneira que, segundo Bronislaw, se constroem os *imaginários sociais*.⁵ De toda forma, ainda que as subjetividades estivessem sendo construídas por esses sentimentos que coíbiam e instauravam temor, as considerações de que *vivemos no país do medo* se esmaecem na mesma entrevista quando a própria Zerbini relata: *Quem não tem medo*

*é louco. Mas em cada um de nós existe um pouco de loucura sagrada, uma força positiva que vence a negativa.*⁶

Foi, talvez, com essa *loucura sagrada* que algumas mulheres, ou porque já tinham passado por medidas repressivas, ou por verem seus maridos, filhos e filhas, irmãos ou pais, envolvidos em situações de prisões ou desaparecimentos, que, na esfera privada começam a organizar estratégias de resistências à situação imposta. Nesse ínterim, o Movimento Feminino Pela Anistia foi fundado em São Paulo, em meados de maio de 1975, na residência da advogada Terezinha Zerbini.⁷

Em Florianópolis, o jornal alternativo Contestado publica, em sua segunda edição, que

*Foi instalado em Santa Catarina no dia 25 de novembro do ano passado (1976), o Núcleo do Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA), cujos objetivos a serem alcançados foram delineados durante a realização do primeiro encontro nacional em São Paulo.*⁸

Bem, em verdade, a articulação para formar o núcleo do MFPA na cidade de Florianópolis começa nos últimos meses do ano de 1975. É nesse contexto que o governo militar desencadeou nacionalmente uma temporada de ‘caça às bruxas’: prendendo militantes políticos, jornalistas, professores universitários. Nesse momento, no estado catarinense, *quando o país ainda horrorizava-se com o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, quinze dias antes nas dependências do DOI-CODI PAULISTA*, quarenta e duas pessoas ligadas ao Partido Comunista Brasileiro são presas, em novembro de 1975, na chamada Operação Barriga Verde.⁹

Nos lugares mais comuns de Florianópolis, os *praticantes ordinários da cidade*¹⁰ viram as prisões acontecerem. Maria Rita, esposa de um dos presos, relata que

Quando ele saiu para trabalhar, no mercado público tinha um estacionamento, ele deixava o carro sempre ali, então quando ele estacionou

*o cara veio encapuchou, tirou a aliança, os óculos e o relógio, isso contado pelos meninos que cuidavam os carros.*¹¹

A prática cotidiana da ocupação do espaço nas ruas da cidade o colocou na observação da repressão, pois, *ele deixava o carro sempre ali*. Nos diz Certeau que *os lugares são história*¹² e, no caso, ao ser fixado pelo domínio da autoridade, colocou o habitante sob vigilância. Assim, o controle panóptico dos territórios pelo poder militar permitiu que a ordem fosse colocada por mecanismos de repressão, essas que também disciplinaram os sujeitos.

Mas se, através das redes de controle, os *meninos que cuidavam do carro* assistiram a uma das prisões acontecerem, uma outra rede passa a ser acionada na cidade naqueles dias. Estudantes, jornalistas, esposas, amigos e familiares, partilham de atitudes e atividades solidárias às pessoas que são presas. Nos grupos de convivência, um e outro se via envolvido. Nessa época, Margaret Grandó era universitária e conta que na casa de estudantes que dividia com algumas colegas, *morava uma moça que namorava o irmão do Roberto Mota que foi preso na Operação Barriga Verde*.¹³

A cidade da qual estou falando, e que vivenciei a experiência de contestação à ditadura através de estudantes e boêmios, recebia contingentes de pessoas de diversos lugares do estado catarinense e do país. No início da década de setenta, o recente campus da Universidade Federal de Santa Catarina instalado no bairro da Trindade atraía migrantes de outras cidades e do interior do estado para a Ilha,¹⁴ e com a transferência da ELETROSUL (Centrais Elétricas do Sul do Brasil) para uma sede construída no bairro Pantanal (bairro que ladeia a UFSC),¹⁵ percebe-se um crescimento populacional significativo na cidade. E isso pode ser aferido na tabela abaixo, elaborada por mim com os dados coletados na pesquisa que realizei sobre a cidade de Florianópolis:

Tabela I

População residente no município de Florianópolis (1960-2001)

DADOS/ANOS	1960	1970	1980	1991	2001
População total	97.827	138.337	187.871	255.390	342.315
Nascidos na cidade	81.041	107.443	120.724	155.958	196.322
Migrantes	16.786	30.894	67.147	99.432	145.993
% de nativos	82,85%	77,66%	64,26%	61,06%	57,35%
% de migrantes	17,15%	22,34%	35,74%	38,94%	42,65%

* Fonte IBGE – Censos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2001.

Com a chegada de um contingente de novos moradores na cidade, é possível afirmar que uma nova ordem urbana se instaurou entre o final da década de 1960 e meados da década de 1970, imbricada por significativas modificações espaciais, por novos olhares e novas sensibilidades, e por ligações culturais entre diferentes personagens, afetando de maneira decisiva as relações sociais dos moradores de Florianópolis. Como bem afirmou Bernadete Ramos Flores,¹⁶ uma outra ordem urbana se fez presente a partir daí, desenvolvendo um *ethos* citadino como nunca visto antes na cidade, alcançando áreas e indivíduos muito além do seu perímetro urbano central.

Este processo, para além de modificar o cenário físico da cidade, afetou também seus figurantes, o que pode ser aferido, dentre outros indicadores, com dados dos Censos Demográficos (IBGE), os quais indicam o rápido crescimento da migração a cada ano, chegando à virada do século XXI com cerca de 46.561 pessoas que mudaram para a cidade de Florianópolis, o que representa um acréscimo em torno de um terço da sua população total.

Essas pessoas, se pressionavam para que investimentos públicos passassem a oferecer conforto, também traziam para Florianópolis outros modos de vida, portavam vários hábitos distintos dos praticados pela população local, associados às transformações promovidas pelo processo de urbanização, provocaram um forte impacto cultural na medida em que educaram sentidos e, por essa via, alteraram substancialmente as relações entre elas¹⁷.

Já era o fim da década de setenta, e já se passara alguns meses que a anistia fora concedida aos presos políticos.¹⁸ Os antigos habitantes da cidade, que costumeiramente ficavam sentados nos bancos da Praça XV, embaixo da Figueira (árvore mais antiga da praça), já estavam acostumados com os estudantes universitários passeando pelas suas ruas. Com o burburinho de gente caminhando pelo calçadão da Felipe Schimidit, e com os cartazes colados nos postes anunciando um certo forró que acontecia no restaurante universitário, e que era embalado pelas músicas do Grupo Engenho, formado por estudantes da UFSC. Nesse tempo, a cidade de Florianópolis vivia um clima de muita efervescência cultural e política, e que, segundo a lembrança de Luiz Carlos, morador da cidade, *entre os anos de 1976 a 1979, era tudo uma coisa só, o movimento estudantil, o Jornal Alternativo Contestado, o Movimento da Justiça e Paz, os forrós, o Movimento Feminino Pela Anistia. Isso tudo fica em torno de um grupo de 40 pessoas.*¹⁹

Nesse momento de efervescência, um grupo de estudantes se reúne no bar Roma²⁰ - era dia 30 de novembro de 1979 – para conversar sobre o que tinham acabado de vivenciar na Praça XV de Novembro: a visita a cidade do último presidente militar, João Figueiredo. Para o que tinham se organizado no DCE, onde fizeram faixas com frases que protestavam contra a visita do presidente. Nessa manhã, na praça: ouviram os taxistas reclamarem de mais uma alta nos combustíveis; souberam que, nas ruas da Costeira, por onde tinha passado a comitiva do presidente quando esta vinha do aeroporto Hercílio Luz, para o centro da cidade, as mulheres fizeram um grande “panelaço”, batendo com colheres, garfos, paus, nas panelas e reclamando do alto custo de vida. Sim, esse dia seria memorável em suas vidas, bebiam para comemorar o que mais tarde passou a ser chamada de Novembrada, a última manifestação popular contra o regime militar que aconteceu na Ilha de Santa Catarina.

¹ Mestranda na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC e professora do Departamento de Educação Continuada –SME-PMF.

² CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

³ Fernando de Moraes Barros (Pinduca). Entrevista realizada por mim, em Florianópolis, no bar Quibelândia, no dia 5/12/2002. O Nome ANARQUILATINO, segundo Fernando, faz referência aos ideais do "Anarquismo em Florianópolis". A sigla ANARF servia para abreviar o nome.

⁴ Conforme o jornal alternativo *Contestado*, ano I, nº 5, 19/07/1978, p. 12.

⁵ Sobre a construção de *imaginários sociais* ver BRONISLAW, Baczko. *Enciclopédia Einaudi* (Anthropos-Homem), v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

⁶ Entrevista de Terezinha Zerbini ao Jornal Pasquim, ano IX, nº 419, Rio de Janeiro, de 8 a 14/7/77, p. 8.

⁷ É o caso da líder do MFPA Terezinha Zerbini, que foi presa em fevereiro de 1970 por ter articulado o sítio onde aconteceu o congresso da UNE, na cidade de Ibiúna/SP, em 12/10/1968. Entrevista ao Jornal Pasquim, op. Cit, p, 7-11. Ver também *Revista Caros Amigos*, pesquisa realizada em 29/03/05, no site: http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edições/ed53/marina_amaral2.asp.

⁸ Jornal *Contestado*, ano 1 nº 2, fevereiro de 1977, p. 09.

⁹ Jornal Alternativo *AFINAL*, Ano I, Nº 5, setembro de 1980, p. 9-11. Em outubro de 1975 morre, sob tortura, no DOI-COVID/SP o jornalista Vladimir Herzog. Sobre a Operação Barriga Verde ver também: VIEIRA, Jaci Guilherme. *História do PCB em Santa Catarina: da sua gênese ate a Operação Barriga Verde 1922 a 1975*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. 104 páginas.

¹⁰ CERTEAU, Op. Cit, p.171.

¹¹ Maria Rita Teixeira Bessa. Entrevista realizada por mim, na cidade de Florianópolis, no dia 03/10/2002. Na época era esposa do advogado Roberto Mota, preso na Operação Barriga Verde no dia 03/11/1975.

¹² CERTEAU, Op. Cit, p.189.

¹³ Fala de Margaret Grando. Entrevista realizada por mim, na cidade de Florianópolis, no dia 05/05/2002.

¹⁴ Em 1969 a UFSC foi reestruturada em Centros, as antigas faculdades e escolas que faziam parte dela foram extintas e o vestibular único e unificado foi implantado. A partir de 1970, sua estrutura muda-se para o Campus na Trindade, onde permanece até hoje. Ver: LUZ, Rodolfo Joaquim Pinto da. Apresentação. In: *A UFSC na minha história: 40 anos da UFSC – 33 crônicas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002, págs. 8 e 9.

¹⁵ As Centrais Elétricas do Sul do Brasil S. A – ELETROSUL – foi criada em 23 de dezembro de 1968, pela Eletrobrás, e foi autorizada a funcionar como empresa de energia elétrica pelo decreto nº 64.395 de 23 de abril de 1969. Logo após sua criação a empresa foi sediada no Rio de Janeiro. Porém, por determinação dos ministérios das Minas e Energia, para que as subsidiárias da ELETROBRÁS fossem localizadas junto às respectivas áreas de atuação em julho de 1975, iniciava-se a transferência da ELETROSUL para Florianópolis. In: Caderno de divulgação. "Bem vindo a ELETROSUL". Florianópolis: Centrais Elétricas do Sul do Brasil. s/d, pág. 05.

¹⁶ FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A farrá do boi: palavras, sentidos ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 66.

¹⁷ Uma análise sobre essa temática pode ser encontrada, entre outras, em ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. (tradução Véra Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

¹⁸ Lei Nº 6.683, de 28 de agosto de 1979, concede anistia a todos os presos políticos que tinham sido presos no período da ditadura militar.

¹⁹ Luiz Carlos Cancellier. Entrevista realizada por mim, na cidade de Florianópolis, no dia 27/09/2002.

²⁰ O Roma foi um bar localizado na esquina da rua Fernando Machado com a Avenida Hercílio Luz. Era freqüentado